
Este ano vamos apagar incêndios

Entrevista do ministro da Educação publicada no jornal Diário de Santa Maria/RS em 29 de março de 2004.

O ministro da Educação Tarso Genro não esquece os sábados pela manhã no Calçadão de Santa Maria. Morando em Brasília desde a posse do atual governo, quando foi escolhido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva para comandar a Secretaria Especial do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, Tarso recebeu este ano a difícil tarefa de substituir o ministro Cristovam Buarque, que bateu de frente com a equipe econômica pedindo mais verbas para a Educação.

Acabou demitido por telefone. A estratégia de Tarso foi anunciar, logo após a posse do dia 27 de março, um projeto de reforma universitária. Na quinta-feira, Tarso falou ao Diário, por telefone, de seu gabinete em Brasília. Ele explicou como as mudanças que está tratando no Ministério da Educação vão afetar Santa Maria. Para atenuar a crise financeira da universidade pública, a aposta é a criação de um fundo, formado por impostos, para financiar a autonomia do Ensino Superior. É, também, por meio de um fundo que o Ministério da Educação vai entrar de cabeça no ensino básico, aumentando os repasses para estados e municípios. Sobre as polêmicas cotas de acesso à universidade, Tarso promete que, em no máximo 15 dias, o presidente Lula deve encaminhar uma decisão. Já a crise política no governo, Tarso afirma que já está amainando e lança uma frase adequada ao seu cargo. Um acontecimento como esse é, para nós, profundamente educativo - afirma o ministro.

Diário de Santa Maria - O nome de seu pai, Adelmo Simas Genro, foi dado à Câmara de Vereadores, e a uma escola na Nova Santa Marta. Depois de tanto tempo longe, e agora morando em Brasília, o senhor ainda se acha um santa-mariense?

Tarso Genro - Em Santa Maria eu fui criança, adolescente, adulto, me formei e casei. Toda a centralidade da minha formação, das minhas emoções, da minha vida cultural está profundamente ligada a Santa Maria. Foi aí que eu tive, seguramente, os momentos mais profundos e constitutivos de minha vida. Fico muito feliz com o reconhecimento e com a homenagem da prefeitura e da Câmara de Vereadores. Estou definindo a agenda para participar das homenagens.

Diário - O que não dá para esquecer de Santa Maria?

Tarso - Sábado de manhã na Primeira Quadra... Os desfiles dos 'bixos' na época do Regime Militar. Nós, 'bixos' da universidade, desfilávamos com

cartazes de protesto. E também da escola agrotécnica, onde eu estudei. Mais do que isso, há as dezenas de amigos que deixei em Santa Maria.

Diário - Santa Maria vive e respira educação. O sistema educacional é a grande força econômica e produtiva da cidade. O que o município pode esperar de mudanças por conta da sua gestão frente ao ministério?

Tarso - Algumas medidas a médio prazo atingirão especificamente a cidade. A primeira é o reforço da universidade pública, que em Santa Maria tem uma função estratégica. A segunda é a constituição do Fundo de Financiamento do Ensino Básico (Fundeb), que, pela nossa vontade, poderá já operar ano que vem. O projeto está sendo formatado e vai ao Congresso antes do fim do ano. Ele reforça o financiamento do Ensino Básico, que tem grande capilaridade em Santa Maria.

Diário - O projeto não pode demorar demais para ser aprovado no Congresso?

Tarso - Existe um desejo tão forte do Brasil que ele deve ser aprovado rapidamente.

Diário - A Câmara dos Deputados aprovou as alterações na lei que regulamenta o Provão. O que falta e quando deve ser aplicado o novo sistema de avaliação?

Tarso - Temos de fazer a regulamentação, mas a essência é o que foi aprovado na Câmara. A proposta que nós fizemos surgiu de negociação com o Congresso. A avaliação vai ser por amostragem, seguindo os requisitos de relação com a comunidade, qualidade de infra-estrutura, qualidade e preparo dos professores.

Diário - Houve um avanço?

Tarso - Foi um bom passo. Ainda temos de aprimorar, dentro do projeto da reforma, mas a proposta do Cristovam (Cristovam Buarque, a quem Tarso substituiu no ministério) já era um avanço em relação a anterior. E esta que foi aprovada, com as emendas que a Câmara fez, já são dois passos à frente.

Diário - O Provão terá menos reclamação agora?

Tarso - A reclamação deve até continuar. Faz parte da vida universitária, do movimento estudantil. É uma coisa sadia. Seguramente, os próprios estudantes sabem que agora é uma aferição mais séria e que o provão não cai somente sobre as costas deles.

Diário - O que mudará no vestibular e nas formas de acesso ao Ensino Superior?

Tarso - Isto vai ser discutido dentro da reforma da universidade. Estamos fazendo uma combinação do acesso por cotas sociais e raciais. Vai haver uma decisão imediata do presidente, em, no máximo, dez ou quinze dias, sobre cotas e as políticas afirmativas. Depois, este ponto vai ser discutido de uma forma mais estrutural dentro da reforma universitária. O projeto da reforma deve estar pronto em novembro.

Diário - O senhor recebeu a visita do deputado Fabiano Pereira que pedia a aumento das vagas noturnas na UFSM. Existe, hoje, muita ociosidade na instituições?

Tarso - Existe um espaço ocioso. Isto é uma demanda nossa. Estamos trabalhando internamente no MEC. Vamos apresentar ao presidente uma proposta. Por ter um custo relativamente elevado, embora possível de ser sustentado pelo governo a médio prazo, a medida deve ser para o ano que vem.

Diário - A UFSM alega que para ter cursos noturnos é necessário o MEC autorizar concursos.

Tarso - As universidades já têm concursos em andamento. O problema é mais de nomeação e de ter os recursos para manter os professores. É uma obrigação nossa enquanto afirmação da universidade pública.

Diário - A Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) critica o programa 'Universidade para todos' que abriria 100 mil vagas na universidade privada para cotas. Como o senhor vê esta posição?

Tarso - Isto é natural. Os reitores estão numa situação de pressão porque a universidade está em situação financeira precária. Então, é natural que eles assumam posições ordinariamente contra propostas do governo. Nós recebemos isso de uma maneira democrática. Vamos dialogar e mostrar que o projeto não é isso que eles estão pensando que é. De fato, como o projeto é novo, ele suscita dúvidas. A principal é se estão sendo retirados recursos públicos e colocados na iniciativa privada. A resposta é não. O que vai acontecer, com a aplicação deste projeto, é que nós vamos reduzir os repasses para a universidade privada. E neste caso, sobra mais às públicas.

Diário - Não há esta compreensão na Andifes?

Tarso - Não há. Os reitores estão tensionados pela crise interna da universidade e o interesse de compreensão não é muito amplo.

Diário - Todos os anos os reitores fazem romaria a Brasília para obter recursos. Como o MEC pretende resolver a crise financeira nas universidades?

Tarso - Este ano nós vamos apagar incêndios. A solução do financiamento da universidade pública será dada pela reforma. Estamos propondo a

constituição de um fundo, semelhante ao Fundef, para financiar a universidade pública e vincular o seu financiamento a sua autonomia.

Diário - De onde sairiam os recursos para financiar este fundo?

Tarso - Ele funcionaria com uma cesta de tributos. Temos só a idéia. Ainda não definimos quais tributos seriam usados.

Diário - Cabe retirar mais recursos destes impostos como IPI, Imposto de Renda etc?

Tarso - Cabe. Temos de considerar que tudo está colocado no bojo da retomada do crescimento da economia e, portanto, de uma arrecadação melhor da União sem aumentar impostos.

Diário - O senhor colocou um santa-mariense, Ronaldo Motta, no Conselho Nacional de Educação e propôs uma reformulação no conselho. O que mudará?

Tarso - Vamos transformar o conselho num órgão que funcionará em relação ao ministro da Educação como o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social funciona para o presidente da República. Uma estrutura de indução, de elaboração de políticas de fora para dentro. Vamos reorganizar burocraticamente o funcionamento do conselho, que é um órgão importantíssimo e estava despotencializado.

Diário - Este ano acontecem eleições municipais consideradas vitais para o PT. O senhor participará da campanha?

Tarso - Sim, nos fins de semana. Eu não posso misturar a minha condição de ministro com a de quadro político-partidário. Então, sábados e domingos vou participar de eventos para dar sustentação aos candidatos do meu partido e da Frente.

Diário - O governo federal vive hoje uma crise política?

Tarso - Existe uma crise, mas está amainando. É natural que o governo enfrente esta crise. As instituições democráticas estão aí para absorver estes episódios. Um acontecimento como esse, é para nós, profundamente educativo.